



## LITERATURA E PINTURA: DECIFRA-ME OU TE DEVORO, *GUERNICA* E A CADELA DO FASCISMO

Leonardo Alexandre Passos Noronha<sup>1</sup>

Maria Luisa Barbosa Martins<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho analisa a relação entre a literatura e a pintura a partir da observação do pós-guerra civil na Espanha. Para tal, a compreensão intermediária associada à história, à filosofia, a psicanálise e à sociologia, de forma interdisciplinar, procura o entendimento em torno da barbárie perpetrada pelos totalitarismos do século XX. Observa-se que o franquismo tinha como objetivo a dissolução da liberdade e da subjetividade, fazendo da população uma massa amorfa e misturada. Assim, inspirado pela dor, Picasso fez de sua obra cubista um retrato da atrocidade e um monumento de denúncia e revolta que, também, ficou para a memória como um alerta da bestialidade humana. Orwell, com extrema maestria, analisou a Guerra Civil Espanhola relatando suas experiências de combate. Da mesma maneira, Laforet fez um retrato do período em uma Barcelona abandonada no vazio sepulcral de uma cidade quase fantasma. O fenômeno do fascismo tem raízes profundas na história do Ocidente. Imaginar que a barbárie não se restringe a um momento histórico da humanidade, e que ela não é fruto, somente, da ganância e crueldade de alguns homens, nos faz questionar não só a ética de nosso tempo, mas também a falha do projeto civilizacional previsto pelos Iluministas diante do sonho do progresso. Dessa forma, o estudo aborda a intermedialidade entre literatura e pintura ao explorar a história da relação entre as artes, a crítica ao franquismo na obra *Guernica*, de Picasso, e nas obras de Laforet e Orwell, tendo como objetivo demonstrar os perigos do totalitarismo e a urgente necessidade de cuidado para que a tragédia não se repita em nosso tempo.

**Palavras-chave:** Intermedialidade. Literatura. Pintura. Picasso. Orwell e Laforet.

### **LITERATURE AND PAINTING: DECIFRATE ME OR I DEVOTE YOU, *GUERNICA* AND THE DOG FEMALE OF FASCISM**

**Abstract:** *The present work analyzes the relationship between literature and painting from the point of view of post-civil war Spain. To this end, the intermedia understanding associated with history, philosophy, psychoanalysis and sociology, in an interdisciplinary way, seeks understanding around the barbarism perpetrated by the totalitarianisms of the 20th century. It is observed that Francoism had as its objective the dissolution of freedom and subjectivity, making the population an amorphous and mixed mass. Thus, inspired by pain, Picasso made his Cubist work a portrait of atrocity and a monument of denunciation and revolt that also remained in memory as a warning of human bestiality. Orwell, with extreme mastery, analyzed the Spanish Civil War reporting his combat experiences. In the same way, Laforet made a portrait of the period in an abandoned Barcelona in the sepulchral emptiness of an almost ghost town. The phenomenon of fascism has deep roots in the history of the West. Imagining that barbarism is not restricted*

<sup>1</sup> Mestrando - PPG-Letras/UEMS. ORCID: 0009-0001-0650-7780.

<sup>2</sup> Doutoranda - PPGEL/FAALC/UFMS. ORCID: 0000-0003-4307-6112.

to a historical moment of humanity, and that it is not the result, only, of the greed and cruelty of some men, makes us question not only the ethics of our time, but also the failure of the foreseen civilizational project by the Enlightenment in the face of the dream of progress. In this way, the study addresses the intermediality between literature and painting by exploring the history of the relationship between the arts, the critique of Francoism in the work *Guernica*, by Picasso, and in the works of Laforet and Orwell, aiming to demonstrate the dangers of totalitarianism and the urgent need for care so that the tragedy is not repeated in our time.

**Keywords:** *Intermediality, literature, painting, Picasso, Orwell and Laforet.*

“A cadela do fascismo está sempre no cio.”  
Berthold Brecht

## Introdução

O fenômeno do fascismo<sup>3</sup> tem raízes profundas na história do Ocidente. Imaginar que a barbárie não se restringe a um momento histórico da humanidade e que ela não é fruto, somente, da ganância e crueldade de alguns homens, nos faz questionar não só a ética de nosso tempo, mas também a falha do projeto civilizacional previsto pelos iluministas diante do sonho do progresso.

Para Freud, em *Psicologia das massas e Análise do eu* (2013), os indivíduos e a coletividade respondem à mesma estrutura psíquica quando se trata de desejos reprimidos e/ou recalçados, uma vez que o sujeito se vê diante da turba em alvoroço, ele demonstra seus traços mais ocultos que caracterizam suas verdades interiores. Mais do que um simples animal gregário, o homem procuraria alguém para se espelhar, um eu ideal que fomentasse todos os seus desejos na figura de um ser messiânico, um líder que construísse pontes entre os diversos entes que fizessem parte da horda social.

Por outro lado, os membros da Escola de Frankfurt<sup>4</sup> vem justamente na dominação dos sujeitos o aspecto alienante que leva as multidões a agirem a partir de

---

3 O fascismo é uma ideologia política autoritária e nacionalista que surgiu na Europa durante o século XX. Foi desenvolvida por Benito Mussolini na Itália e se espalhou para outros países, como Alemanha, Espanha e Portugal, entre outros. O fascismo geralmente é caracterizado por elementos como: autoritarismo, nacionalismo extremo, totalitarismo e militarismo. Ao longo da história, regimes fascistas estiveram associados a violações dos direitos humanos, perseguição política, genocídio e guerra.

4 A Escola de Frankfurt, também conhecida como Teoria Crítica, foi um grupo de intelectuais e acadêmicos associados ao Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt, na Alemanha. O grupo se formou na década de 1920 e teve grande influência no campo da filosofia, sociologia, teoria social e crítica cultural. Os membros mais proeminentes da Escola de Frankfurt incluíam Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Jürgen Habermas e Erich Fromm, entre outros.

uma razão instrumentalizada que é a responsável pela maximização da aversão ao outro, dentro de ideais burgueses voltados para a obtenção de uma disciplina formadora.

Ora, se a cadela do fascismo está constantemente no cio, como possivelmente afirmou Bertold Brecht, então cabe a nós, sujeitos do presente, analisarmos o amplo espectro de criação humana crítica ao totalitarismo, seja ela a produção literária, filosófica, sociológica ou artística, na tentativa de compreender o funcionamento do sistema para evitarmos novas barbáries na história.

Destarte, se faz necessário o entendimento de como as diversas mídias conversam entre si, para que se possa refletir sobre as trocas comunicativas em suas práticas dialógicas. Daí a importância da compreensão dos estudos sobre a intermedialidade e sua perspectiva em torno da literatura de Irina Rajewsky, no texto *Intermedialidades: uma introdução* (2022), que nos presenteia com a ideia de cruzamento de fronteiras na hibridização dos entre olhares midiáticos, seja a abordagem sincrônica ou diacrônica, dentro de um panorama crítico e material, pois se trata também de uma condição epistemológica no processo de cognição cultural. Para tal, a análise histórica das trocas entre as artes se demonstra algo presente desde a Antiguidade clássica, quando os primeiros filósofos traziam discussões sobre o papel da arte da sociedade.

## **História, filosofia, literatura e pintura**

Certo dia, há 200 mil anos atrás, os primeiros homo sapiens admirados com o esplendor do mundo e obtendo a consciência de sua finitude se deram conta de que tamanha emoção, que transbordava pelos seus poros, deveria ser exprimida de alguma forma. Mais do que caçar, coletar e se reproduzir, sentiam uma necessidade intrínseca de comunicar aquelas emoções que lhes afligiam. Essas pessoas, submersas no meio social, passaram a construir um sistema complexo de signos que modificavam a forma como viam o próprio mundo. O conhecimento transmitido de geração a geração formava uma tecnologia que crescia ao ser transmitida, formando uma memória coletiva abundante. A crescente clareza da consciência permitia uma capacidade de abstração cada vez maior, estimulando a criação de novos sentidos e formas de externar as paixões. Dessa maneira, a estética e o significado se tornaram instrumentos de comunicação, possibilitando a realização da arte e da palavra no aparato cultural da humanidade.

Para Aristóteles, em sua obra *Poética* (2015), com a análise da arte na Grécia Antiga, há um abandono do componente místico, uma postura mais sistemática e menos

dialógica e a valorização da arte como elemento transformador da sociedade. Longe da arte ser uma cópia passiva da realidade, ela é criação atribuída de um valor catártico muito importante.

Em seguida, Horácio, em *Arte Poética* (2021), foi o responsável pela crítica da arte poética, em uma carta aos Pistões, aconselhando como se fazer poesia. A construção da imagem no plano da narrativa foi teorizada a partir do conceito de *Ut pictura poesis* (a poesia é como a pintura) que faz uma comparação interartes na perspectiva da representação do fenômeno, fazendo uma relação entre imagem e palavra. Daí, podemos supor a possibilidade de “ler imagens” e imaginar em ação na medida que percorremos os olhos pelo desenho das letras. Representação e interpretação passam a fazer parte das preocupações dos teóricos das artes, nas reflexões estéticas do porvir. Ou seja, as imagens e as palavras nos informam e se transformam em nós no processo de estar no mundo enquanto sujeitos sensíveis e pensantes. Dessa forma, haveria, para Horácio, uma elevação do espírito através da arte, uma beleza que não é gratuita, mas tem uma utilidade contemplativa, que contribui com o bem comum e com o *Carpe Diem*.

Com o Renascimento, segundo Delumeau, em *A Civilização do Renascimento* (2007), o desenvolvimento da perspectiva congela os quadros no instante e a visão do espectador é que deve produzir a narrativa. A narrativa se apresenta à consciência encerrada pela moldura, mas não se limita a ela. A contemplação empresta-lhe palavras que antes não foram percebidas. A pintura é traduzida pela nossa capacidade de intuir e imaginar uma história a partir daquilo que já conhecíamos previamente.

Portanto, a relação entre a imagem e a palavra, entre a palavra e as coisas, não se restringe aos textos dramáticos clássicos ou às iluminuras do medievo, a relação entre as letras e a arte atinge um novo estágio com o Renascimento e as posteriores escolas. Leon Battista Alberti aconselhou os pintores de seu tempo a se familiarizarem com a poesia, estimulando a descoberta de comparações entre a pintura e a literatura.

É a partir da publicação de *Os Sofrimentos do jovem Werther* que a relação entre a pintura e a literatura ganha outro protagonista, sai a poesia, tão valorizada por Aristóteles e Horácio, entra a prosa. O próprio personagem de Goethe é um pintor que pouco fala sobre suas obras. Sua incompatibilidade com a vida burguesa preconiza toda uma crise da subjetividade característica dos séculos posteriores. A sensibilidade do protagonista inspirou o pintor Casper David Friedrich na criação de seus quadros repletos de idealismos.

Na França, o debate dos adeptos das diferentes escolas gerou um acirramento que passou a atrair a atenção da população. As exposições anuais nos Salons<sup>5</sup> e a participação de críticos e escritores como Baudelaire, Zola e Proust no debate contribuíram para o fortalecimento da arte. O próprio Baudelaire se opôs de maneira ferrenha a teoria winckelmanniana de defesa dos clássicos e de um ideal de belo, para ele, a individualidade e o temperamento do artista eram a expressão necessária para a criação de uma obra de arte. Ao falar da pintura, Baudelaire defende a supremacia da cor em relação ao desenho, criar seria compor com a cor. Além disso, defende como tema para as pinturas o cotidiano urbano, parisiense.

Não tardou até que artistas inovadores aderissem às ideias. Manet, em 1863, expôs no Salon *Déjeuner sur l'herbe*. Dois anos depois, no mesmo Salon *des refusés*, apresentou *Olympia*. A revolução proposta por Manet causou polêmicas e suas obras foram rejeitadas. Infelizmente, o Baudelaire crítico de arte se foi em 1867 com uma morte prematura, coube a Zola dar continuidade ao trabalho do colega de profissão. Para ele, a arte é a expressão da rebeldia do artista, ela deve ser transgressão, sem contaminações morais ou ideais. A tela representa o páthos artístico que vibra com o temperamento do sujeito, segundo Delumeau (2007).

No século XX, a partir dessas percepções, a relação da literatura com a pintura se aproxima ainda mais. Modernismo, Futurismo e Cubismo exploram a poesia nos quadros, enquanto os textos navegam em imagens pictóricas. Mallarmé concebe a poesia como objeto pictórico-verbal. Paul Klee faz do texto parte do quadro, como se a escrita tivesse outra realidade estrutural. Na poesia concreta há mecanismos em que as palavras são apresentadas em quadros interpretativos, que necessitam da abordagem visual do leitor. No entanto, ao mesmo tempo a sociedade caminhava para um estágio paradoxal entre a razão e a loucura, como diria Foucault (2009).

O enigma contemporâneo gira em torno da problemática frankfurtiana da quebra do projeto iluminista e da catástrofe do Holocausto. Como a humanidade aderiu aos totalitarismos no século XX e aceitou os aspectos em torno da barbárie? Pode-se constatar o absurdo da indiferença somado ao antissemitismo e à perseguição ao

---

<sup>5</sup> As exposições de arte anuais nos Salons franceses foram eventos de grande importância na história da arte na França, que ocorreram durante os séculos XVIII, XIX e início do século XX. Essas exposições, também conhecidas como Salons, foram organizadas pela Académie des Beaux-Arts, uma instituição governamental responsável por regulamentar as artes visuais na França. Os Salons proporcionavam uma plataforma para os artistas franceses, bem como para artistas internacionais, exibirem suas obras de arte para um público amplo e influente. Eles eram considerados o principal local para a exposição e venda de arte na época.

comunismo, que tem uma longa tradição histórica perpetuada por gerações e que ganhou novas roupagens na medida em que a sociedade se transformava e reorganizava.

Dessa maneira, a banalização do mal, como afirmou Hannah Arendt, em *Eichmann em Jerusalém*, caracteriza nosso tempo e põe a questão do fascismo a todo instante em jogo. Na Espanha franquista ou na Alemanha nazista a instrumentalização burocrática da sociedade e dos indivíduos levou a um processo de desumanização que caracteriza a crise da subjetividade a partir da total reificação dos sujeitos. Concluiu-se que o Holocausto espanhol e alemão são fruto da lógica do capital, da cientificidade e da ideologia racista do darwinismo social que deu base para as ideias expostas por Hitler no *Mein Kampf* e perpetuadas por seus seguidores como Francisco Franco<sup>6</sup>.

O silêncio moral vem acompanhado de uma tentativa de controle dos impulsos mais primitivos, como ódio que foi apontado para os comunistas e anarquistas durante a Guerra Civil Espanhola, bodes expiatórios que deveriam pagar pelos pecados do mundo. A manipulação da moralidade e o controle social a partir de um Estado autoritário com normas pré-estabelecidas em torno do racismo, favorece a repulsa e suprime a liberdade e a responsabilidade pelo outro.

Isso ficou claro durante a Guerra Civil Espanhola. A segunda República<sup>7</sup> foi alvo de manobras de batalha para Hitler, Mussolini e Stalin. Para os espanhóis foi um massacre entre irmãos que divergiam ideologicamente e passavam por uma crise política longa e desgastante. A internacionalização do conflito levou à participação direta de George Orwell e Ernest Hemingway, além da denúncia do bombardeio da cidade de Guernica por parte de Picasso.

No ano de 1936, Orwell entrou na milícia como voluntário com a promessa de matar ao menos um fascista, pois se cada um fizesse sua parte, logo não teriam mais fascistas no mundo. Ledo engano. O escritor narrou suas experiências em duas obras:

---

<sup>6</sup> Franco e o franquismo referem-se a Francisco Franco, um ditador espanhol que governou a Espanha de 1939 até sua morte em 1975. O franquismo é o nome dado ao regime político autoritário e repressivo estabelecido por Franco durante seu governo. Após a vitória na guerra, Franco estabeleceu um regime ditatorial na Espanha, caracterizado por uma forte repressão política e uma economia centralizada e controlada pelo Estado. O franquismo era baseado em princípios nacionalistas, autoritarismo, conservadorismo social e catolicismo.

<sup>7</sup> A Segunda República Espanhola refere-se a um período na história da Espanha que se estendeu de 1931 a 1939. Foi um regime democrático que substituiu a monarquia absolutista e autoritária do rei Alfonso XIII. Em 1936, as eleições gerais foram vencidas pela Frente Popular, uma coalizão de partidos de esquerda. Pouco depois, a Guerra Civil Espanhola eclodiu, em julho de 1936, quando os militares liderados pelo General Francisco Franco se rebelaram contra o governo republicano.



*Homenagem à Catalunha e Recordando a Guerra Civil Espanhola (2021)*. O conflito só teve fim em março de 1939, com a queda da resistência em Múrcia e o início do fascismo espanhol. Período em que Orwell ficou consta de 1936, com sua chegada ao país, até 1937, quando o partido republicano foi dissolvido pelas forças stalinistas e ele se viu obrigado a fugir, devido a perseguição aos anarquistas e todos aqueles que se negavam a seguir as ordens dos comunistas.

Orwell tinha uma preocupação com a manipulação da história. Em um texto de 1946 chamado *Por que escrevo (2021)*, ele relata que tudo o que escreveu foi para combater a mentira e o fascismo, devido ao medo que sentia de que o sistema totalitário fosse a regra, e não a exceção de seu tempo.

O desespero se fez realidade com a intervenção alemã e italiana na guerra. Ao enviar a Legião Condor<sup>8</sup> para a Espanha, Hitler decretou o destino da cidade de Guernica com o bombardeio aéreo em massa, em 26 de abril de 1937, que ficou eternizado no quadro do pintor malagueño, Pablo Picasso.

Picasso era um pintor que em suas idas e vindas entre Espanha e França estava sempre rodeado de amigos escritores. A dúvida e a apreensão em torno daquilo de que seus olhos poderiam ver é um retrato de seu tempo e marca a literatura e o cubismo. Seus amigos próximos, Max Jacob, Apollinaire, Salmon e Gertrude Stein, marcaram os anos de Picasso com ideias literárias, que, certamente, são diferentes do ponto de vista de um pintor. Como afirma Stein em sua biografia sobre o amigo.

Em 1935, Picasso interrompeu seu trabalho como pintor e foi escrever poemas. Até 1937 adormeceu seu olhar sob o mundo. Mas, o despertar se deu com o início da guerra. Ele percebeu que a Espanha existia e ele também existia junto com a Espanha. A roda da história estava viva assim como o pintor. Então, segundo Stein, em *Picasso (1935)*, a partir de 1937 Picasso voltou a ser ele mesmo.

Dessa forma, os horrores da Guerra Civil Espanhola e o massacre da pequena aldeia de Guernica, com o intuito de promover o terror, o medo e a barbárie, fomentou a revolta de Picasso. Seu repúdio à guerra e ao totalitarismo o levaram a permitir que a

---

<sup>8</sup> A Legião Condor foi uma unidade militar aérea enviada pela Alemanha nazista para apoiar as forças nacionalistas lideradas por Francisco Franco durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Durante a Guerra Civil Espanhola, a Legião Condor desempenhou um papel significativo no apoio às forças nacionalistas. Eles realizaram ataques aéreos intensivos contra alvos republicanos, incluindo bombardeios de cidades e infraestruturas civis. Um dos eventos mais notórios em que a Legião Condor esteve envolvida foi o bombardeio da cidade basca de Guernica em abril de 1937, que ficou famoso pelo famoso quadro "Guernica" do pintor espanhol Pablo Picasso.

obra retornasse à Espanha apenas quando o país se tornasse uma democracia. Em 1945, Picasso declarou:

Que crê você o que é um artista? Um imbecil que só tem olhos se é pintor, ouvidos se é músico, uma lira que ocupa todo o seu coração se é poeta, ou mesmo só músculos se é um boxeador? Pelo contrário, é um ser político, constantemente consciente dos acontecimentos chocantes, raivosos ou afortunados aos que reage de qualquer forma. Como seria possível se dissociar de outros homens; em virtude de que indiferença de marfim debes te afastar da vida que de forma tão abundante te proporcionam? Não, a pintura não se faz para decorar apartamentos. É um instrumento para a guerra ofensiva e defensiva contra o inimigo. (*Pablo Picasso, Les Lettres Françaises, março de 1945*).

Guernica se tornou uma das expressões mais sublimes da arte engajada em lutas políticas. A uma certa necessidade da tomada de consciência dos indivíduos que observam a obra de arte. A materialidade de Guernica se manifesta na bestialidade brutal do ataque que ignorou todos aqueles que habitavam a aldeia. O escândalo da barbárie fascista precisa gerar uma náusea, um desgosto com a humanidade. O significado histórico relevante da obra se traduz na carência de observações críticas quanto à possibilidade de um retorno das lógicas totalitárias.

O toco do fascismo pode ser observado na obra *Nada (2018)*, de Carmen Laforet, que nos traz uma família enlouquecida que vive na rua Aribau, em seus desacordos internos exprime as consequências da Guerra Civil Espanhola estampadas na pele. A participação dos membros do seio familiar na guerra soa como um câncer em estágio terminal, que corrói o que restou da saúde, afetando a cognição a ponto de se tornar os sujeitos dementes, dentro de seus traumas individuais. Os velhos vivem em uma atmosfera putrefata, os jovens são como niilistas naturais que definham no tédio.

As frustrações da jovem Andrea se compactuam com o ambiente hostil e desesperançado. A caricatura de uma Barcelona sem vida entra em contraste ao desejo dos jovens de darem um sentido a própria vida, mas que esbarra na morbidez de ideais derrotados. Uma Barcelona provinciana, dividida entre aqueles que permaneceram ricos e uma classe média destruída e muito próxima da miserabilidade. Com sujeitos alienados de suas humanidades, todos se tornam vítimas da mesquinhez e amargas neuroses, fruto de uma castração vital, em uma sociedade brutalizada.



## Referências

- ALVAREZ, Aurora Gedra Ruiz. Guernica em diálogo com a infografia: o insólito na transposição intersemiótica. Paraná. 2018. Disponível em: <<https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/1056>>
- ARENDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém**: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- DELUMEAU, Jean. **A Civilização do Renascimento**. São Paulo: Edições 70, 2007.
- FREUD, Sigmunt. **Psicologia das Massas e Análise do eu**. São Paulo: L&PM, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.
- GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror**: Quatro ensaios de iconografia política. São Paulo: Companhia das Letras, 2014
- HESPANHOL, J. (2011). Guernica ou a Identidade como Acto de Espera. **Atas do Congresso A Europa das Nacionalidades - Mitos de Origem**: Discursos Modernos e Pós-modernos, Aveiro, Universidade de Aveiro: CD-Rom Congresso A Europa das Nacionalidades - Mitos de Origem: Discursos Modernos e Pós-modernos [ISBN: 978-972-789-342-3].
- HORÁCIO. **Arte Poética**. São Paulo: Autêntica, 2021.
- LAFORET, **Carmen. Nada**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2018.
- Magalhães, R. C. de. (1997). A pintura na literatura. **Literatura E Sociedade**, 2(2), 69-88. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i2p69-88>
- MANGEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- ORWELL, George. **Lutando na Espanha**. Rio de Janeiro: Biblioteca azul, 2021.

PEDROSO JÚNIOR, Neurivaldo Campos. Literatura e pintura: correspondências interartísticas em Passeio ao Farol, de Virginia Woolf. Porto Alegre: 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/37308>>

RAMAZZINA-GHIRARDI, Ana Luiza. **Intermedialidade**: uma introdução. São Paulo: Ed. Contexto, 2022.

Senko, E. (2016). A História da Arte Medieval: um encontro entre Ocidente e Oriente em Castela do Século XIII. **Revista De História Da UEG**, 4(2), 302-319. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/3945>>

STEIN, Gertrude. **Picasso**. Belo Horizonte: editora Âyané, 2016.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. O diálogo imagem-palavra na arte do século xx as colagens cubistas de Pablo Picasso e sua relação intertextual com os caligramas de Guillaume Apollinaire. **A Letria**. Minas Gerais: 2006 - jul.-dez. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/poslit>>